

OS NOSSOS MORTOS

Três claros mais se abriram no elenco de sócios efetivos da Academia Cearense de Letras. No ano de 1939, a morte arrebatou-nos os companheiros inolvidandos que foram Emídio Barbosa, Antônio Teodorico e Antônio Furtado, falecidos, respectivamente, em 15 de Abril, 4 de Junho e 20 de Agosto. Como se vê, no curto espaço de quatro meses perdemos três dos nomes que mais enalteciam esta corporação.

Emídio Barbosa era o jornalista e poeta queridíssimo em todas as classes sociais. Nascido a 13 de Maio de 1891, não perpez quarenta-e-oito anos de vida. Boêmio — no sentido não degradado do termo —, foi uma inteligência vadia e descuidosa, que não deixou de si o que era lícito esperar de suas possibilidades realmente grandes. Esbanjou Emídio essa inteligência em tertúlias de confeitarias e de salas de redação, não nos legando uma obra que lhe garanta longa sobrevivência entre as gerações vindouras. Quantos, porem, o conheceram não esquecerão jamais o talento, que lhe admiraram, de conversador jucundo e faiscante de imprevidos. Tamanho foi o seu desdem pelo renome literário, que muita gente mal identifica em Emídio Barbosa o buliçoso e popularíssimo “Chamarion” ou o humorista “João dos Gatos”, de tantos versos risonhos.

Antônio Teodorico, nascido a 12 de Agosto de 1861, esteve a pique de completar os setenta-e-oito anos, mas a longevidade não crestou, no seu espírito sempre jovem, a paixão da literatura e das ciências. Engenheiro notavel, prestou relevantes serviços à economia cearense, e, mais tarde, na cátedra do Liceu, e na assídua frequência das colunas dos jornais, pode expandir-se na sua inata vocação de cerebral, animado da mais jovial comunicatividade intelectual. Em nosso grupo, e entre os seus pares do “Instituto do Ceará”, distinguia-se por sua infalível presença a todas as reuniões, às quais invariavelmente brindava com a leitura de trabalhos, em que eram versados temas literários ou ci-

entíficos. E o que, sobretudo, encantava no lutador veterano era a bonomia com que se acamaradava com os confrades jovens, não se prevalecendo do *jus aetatis* para a disputa de postos de direção.

Antônio Furtado foi aquele cuja morte constituiu uma surpresa estarrecente. Não enfermara. A morte repentina colheu-o na exuberância de uma existência pletórica de vigor físico e mental. Nascido a 14 de Junho de 1893, foi dos três o que morreu mais moço. Em Antônio Furtado, não apenas o Ceará, mas todo o meio norte, o Brasil mesmo, se desfalcou de uma das suas mais riosas expressões culturais. Advogado e catedrático da Faculdade de Direito, intensa era a projeção de sua personalidade no ambiente cearense e, consoante já significamos, o seu desaparecimento subitâneo veio a ocorrer precisamente num dos momentos fecundos de sua atividade de polígrafo. Jurista e poeta, crítico e polemista, ensaiou os gêneros mais diferentes, legando-nos, em abundante cópia de monografias, a chancela de um estilo inconfundível, modelado nos padrões do mais puro vernáculo. Pugnaz, por temperamento insofrido, interferiu em contendas tornadas rumorosas pela impetuosidade, que foi a faceta marcante de seu espírito transbordante de energias.

Esta nota singela não é mais que breve registo necrológico dos três companheiros diletos. Seus elogios serão feitos por seus sucessores na nossa companhia, e esta Revista compendiará as páginas que fixarem devidamente os perfis de Antônio Furtado, Antônio Teodorico e Emídio Barbosa.
